

## **PODCAST DO TABULEIRO:**

sobre a experiência de estágio no Parque Estadual da Serra do Tabuleiro

Bruno Martins Vieira<sup>1</sup>  
Bruna Viberti Motta Riedel<sup>2</sup>  
Ana Paula Nunes Chaves<sup>3</sup>

### **Resumo**

O artigo disserta sobre o projeto de Estágio Curricular Supervisionado em Geografia III, realizado pelos alunos da Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC) durante o semestre 2020/01, o qual teve o objetivo de criar episódios de *Podcast* sobre o Parque Estadual da Serra do Tabuleiro. O projeto de Estágio foi uma adaptação à realidade de ensino remoto ocasionada pela pandemia da Covid-19, em que atividades presenciais foram substituídas por atividades virtuais, de modo que contemplasse a proposta da disciplina. Com o aporte da educação geográfica, os *Podcasts* tiveram como intuito socializar informação e conteúdo sobre diferentes temas, dentre eles: a história e fundação do Parque; as características da paisagem, do território e lugar; o conjunto de fauna e flora, etc. Cada episódio contou com a participação de um entrevistado/a, e a partir do ciberespaço, unimos o meio “virtual” ao “real”, adaptando a presente rotina dos/as ouvintes.

**Palavras-chave:** Ciberespaço; Virtual; Pandemia; Educação geográfica.

### **INTRODUÇÃO**

Em meados de março de 2020, quando ocorreu a interrupção do calendário acadêmico da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, devido à pandemia do novo coronavírus, todas as disciplinas, planejamentos, avaliações e prazos pensados para a disciplina de Estágio Curricular Supervisionado em Geografia III tiveram que ser repensados. Com a impossibilidade das aulas presenciais, uma vez que o distanciamento social deveria ser cumprido, o momento vivido tornou urgente repensar todas as atividades em calendário. Deste modo, os projetos de estágio estipulados e traçados pelos estagiários e estagiárias também tiveram que se adaptar ou mesmo ser reconfigurados. Todos os trabalhos seriam feitos em ambiente digital, uma série de etapas teriam que ser pensadas e, inclusive, descartadas para as novas propostas.

O projeto inicial de estágio era propor um museu a céu aberto, no ambiente do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro, localizado em Santa Catarina. Como inicialmente o Estágio seria feito *in loco*, os próprios projetos eram pensados para o

---

<sup>1</sup> Acadêmico do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade do Estado Santa Catarina/UDESC.  
E-mail: [brunovieirafloripa@gmail.com](mailto:brunovieirafloripa@gmail.com)

<sup>2</sup> Acadêmica do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade do Estado de Santa Catarina/UDESC.  
E-mail: [brunavriedel@gmail.com](mailto:brunavriedel@gmail.com)

<sup>3</sup> Professora do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade do Estado de Santa Catarina/UDESC.  
E-mail: [ana.chaves@udesc.br](mailto:ana.chaves@udesc.br)

espaço físico do Parque. A proposta era de posicionar ossadas e informações sobre alguns dos animais presentes no local em uma das já existentes trilhas, para que estudantes e visitantes pudessem conferir no próprio ambiente da trilha como se configura a relação entre as espécies animais e vegetais.

Porém, foi necessário repensar toda a estratégia do projeto e, após algumas suposições sobre como adaptar esta proposta para o campo digital, optamos por pensar em outra intervenção, a fim de causar mais impacto na situação vigente, uma vez que a ideia inicial não teria mais como ser aplicada. Deste modo, com a pandemia, o contexto do distanciamento social e a aplicação do ensino remoto pela UDESC, optamos por criar e desenvolver um conjunto de seis *Podcasts*.

### **O PARQUE ESTADUAL DA SERRA DO TABULEIRO**

O Parque Estadual da Serra do Tabuleiro (PAEST), com 87.405 hectares, é considerada a maior área de conservação ambiental no estado de Santa Catarina e possui notável importância e relevância para os nove municípios que atinge: Florianópolis, Palhoça, Santo Amaro da Imperatriz, Águas Mornas, São Bonifácio, São Martinho, Imaruí, Garopaba e Paulo Lopes, e também as nove ilhas: Ilha de Araçatuba, Ilha do Andrade, Ilha Papagaio Pequeno, Ilhas Três Irmãs, Ilhas Moleques do Sul, Ilha Siriú, Ilha Coral, Ilha dos Cardos e a ponta sul da Ilha de Santa Catarina.

O parque, além de abrigar vários ecossistemas, como a Restinga e a Mata de Araucária, é também considerado “santuário da biodiversidade”, pois guarda também a nascente de sete rios, incluindo os que abastecem a Grande Florianópolis, de acordo com dados de 2003 da FATMA (FORTKAMP, 2008, p. 14). Esta Unidade de Conservação (UC) corrobora para a conservação da Mata Atlântica e, com uma notável topografia, para a qualidade da água de diversos municípios, garantindo a segurança hídrica para milhares de moradores da região. Sua proteção é de extrema importância, pois além de abranger extensas áreas de Serras, planícies e ilhas costeiras, abriga um grande número de espécies endêmicas e em extinção. O parque possui esse nome devido à uma das serras da área que possui um cume de formato tabular, possuindo uma ampla diversidade de habitats.

Desde a criação do Parque em 1975, sua área foi destinada como de preservação integral, o que significou a proibição declarada da permanência de seres humanos em

seu território, pois a preocupação como foco era com a destruição ecológica, tendo como objetivo a preservação do meio ambiente e do ecossistema. Sendo assim, foi criado por um grupo de agricultores do município de Águas Mornas, em Santa Catarina, uma carta de protesto contra a criação de uma Unidade de Conservação (UC), que impediria o desenvolvimento de suas atividades econômicas “tradicionais” desde 1975.

Na dissertação escrita por Cristiane Fortkamp, é problematizado principalmente a questão das populações envolvidas na época de criação do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro (PAEST), como Unidade de Conservação, e como se modifica a relação homem-natureza a partir da ideia de “preservação”.

Nesse sentido, a carta elaborada pelo grupo de agricultores representou não só a luta de um grupo histórico pela manutenção de suas atividades econômicas tradicionais e de sua identidade sócio-cultural, mas também uma possibilidade de discussão pública sobre a constituição e os modelos de parques ambientais no país, os problemas inerentes ao conceito de conservacionismo num momento em que o Brasil ampliou seu parque industrial e seu desenvolvimento urbano, e era um índice de que políticas públicas geridas na esfera do “macro”, acabavam por atingir de formas diferentes o cotidiano, a intimidade dos lares daqueles agricultores, por vezes, de forma agressiva.” (FORTKAMP, 2008, p.16)

A partir dessa questão, foi então surgindo um grande paradoxo com a criação do Parque: a preservação do território implicava em acabar com as atividades tradicionais que eram nocivas ao meio ambiente. Com relação às populações envolvidas, teria de ser discutido a quem se deveria responsabilizar pelo impasse conflituoso que impede a implementação da área de preservação, e também como se modifica a relação homem-natureza a partir da ideia de preservação. Podemos concluir que a conservação do meio ambiente é retratada como um tema bastante recente para época e também atualmente em nossa sociedade, e que infelizmente ainda não é abordada como uma prioridade nas políticas desenvolvimentistas do país.

Por mais difícil que tenha sido lidar com toda essa mudança para a população, a pesquisadora Fortkamp (2008) concluiu que:

Os indivíduos que se encontram dentro ou no entorno do parque, mesmo com diferentes hábitos culturais, encontraram meios de se adaptar no que se refere ao cultivo do espaço como fundamento para a sobrevivência, e junto a isso, a indecisão por partes das políticas públicas quanto a situação desses agricultores mostra que há um conflito de paradigmas que pede uma mudança profunda no

pensamento, percepção e valores de uma determinada realidade.  
(FORTKAMP, 2008, p. 103)

Com isso, é entendido que a questão ambiental e a questão do cultivo do espaço é algo a ser priorizado pela população do entorno do Parque, porém é uma problemática que precisa ser bastante discutida pelo governo, que ao tomar medidas de políticas públicas com essa região, tem outros valores e objetivos como prioridade. Como citado no site do PAEST, atualmente, o parque tem como missão “promover a Educação Ambiental e o Uso Público por meio da arte, da cultura, e da ciência, contribuindo para a conservação da natureza e para o fortalecimento das relações comunitárias”. Sendo assim, há muita contribuição de profissionais na área da educação para que o parque seja um local preservado ambientalmente e para que haja um bom convívio entre a população que habita o entorno, com aqueles que querem conhecer e usufruir de todos os seus benefícios.

### ***PODCAST***

No contexto da pandemia, com muitas das atividades sendo transpostas ao meio digital e com isso, grande parte da massa de trabalhadores/as passando muito mais tempo em casa, tornando do local de moradia também um local de trabalho, o consumo do entretenimento também se modificou. A própria divulgação em veículos tradicionais da imprensa de seus programas de *Podcast* já evidenciam este movimento crescente.

Parte deste movimento ocorre pelo *Podcast* ser um formato fácil, rápido e leve de ser tanto produzido quanto reproduzido. Uma vez que os programas só necessitam de faixas de áudio, tornando mais fácil e acessível o processo de gravação, edição e publicação destes, devido ao formato e tamanho do arquivo que é muito menor que qualquer outra produção audiovisual, por exemplo.

Deste modo, na *internet* se propagam os programas que se diversificam em pautas, categorias e formato, com os mais variados tempos e modos diferentes de se fazer. Na seara futebolística, como exemplo, há o “Toca a bola, Camarada!”, sobre música e sociedade, “Resenha do Glê” discorre sobre a aliança de música com Geografia, abordando também sociedade, cultura e natureza; ambos, de Florianópolis; O “Meditação Guiada: Deixe ir.” é um programa que em poucos minutos ajuda os/as ouvintes a apaziguarem a frenesia do dia-a-dia e do próprio trabalho em pandemia.

Os exemplos acima são alguns dos vários contributos que recheiam o ambiente digital com *Podcasts* sobre os mais diversos assuntos e tantos outros sobre política, cidadania, entretenimento, entrevistas, comédia e etc. compõem um diverso mosaico de conteúdos e ideias neste campo informatizado. E o consumo destes produtos, em contexto pandêmico foi explicitamente modificado.

De acordo com estudo da *Deezer* -um dos principais serviços de *streaming*<sup>4</sup>- realizado de 2 a 22 de março “No Brasil, a *playlist*<sup>5</sup> “Calmaria” teve um crescimento de 267%, seguida pela “*Slow-Fi*”, feita para ajudar as pessoas a descansarem, que atingiu crescimento de 217%.” (DEEZER, 2020). E, mais especificamente:

apesar dos bons resultados gerais do *Podcast* global, os temas crianças, esportes e meditação estão crescendo ainda mais após o lançamento do canal “Vida em Casa”. Os pais, que agora precisam equilibrar o trabalho com o entretenimento de seus filhos, apostam nos *Podcasts* de conteúdo infantil para ajudar nessa missão – após o lançamento do canal, a quantidade de usuários ativos nesta categoria cresceu 218%. As pessoas também têm aproveitado os *Podcasts* de treinamento esportivo, que cresceram 194%, para se manterem em forma, e apostado nos conteúdos de meditação, que cresceram 132%, como maneiras de se acalmar e manter a ansiedade sob controle nesse momento. (DEEZER, 2020)

Ou seja, no Brasil, se reproduziu uma tendência global -porém de modo ainda mais expressivo-, de utilização dos *Podcasts* em funções multitarefas, participando muito mais ativamente da vida das pessoas e suas famílias. Assim, é fundamental pensar, enquanto geógrafos/as e professores/as, como esta ferramenta, que se reafirma dia após dia, pode nos ser útil para a docência da Geografia.

Coalizando todas estas benesses que os *Podcasts* têm a oferecer e partindo da necessidade de formular outra proposta para o Estágio III, construímos um programa sobre o PAEST neste formato. Desta forma, ao par que atende às necessidades de produzir algo que supere as barreiras do contexto da pandemia, também elabora um material que possa agregar ao Parque e ajudá-lo a crescer, também, em ambiente digital, ocupando com propriedade o ciberespaço. Assim, se iniciou a confecção de seis episódios para o “*Podcast* do Tabuleiro”, com média de 20 minutos cada, onde os temas

---

<sup>4</sup> Os serviços de *Streaming* são plataformas multimídias, onde produtores/as de conteúdos realizam a postagem de seus produtos e os/as ouvintes escuta. A exemplo do *Deezer*, se utiliza muito o *Spotify*, bem como o *SoundCloud* e o próprio *YouTube*.

<sup>5</sup> *Playlists* são seleções de músicas com públicos e estilo muito parecidos, facilitando aos usuários/as da plataforma usufruírem de obras que tenham afinidade.

levantados pudessem fazer dialogar, o/a apresentador/a do episódio em questão, o/a convidado/a e o/a ouvinte do programa. Para estes temas, foram alavancados alguns assuntos principais, inclusive a partir da apresentação do PAEST junto à disciplina ainda quando ocorriam aulas presenciais e destacaram-se, dentre estes: 1. História e fundação - A busca pela gênese do PAEST e seu contexto histórico; 2. Categorias Geográficas - Como o Lugar, o Território, a Paisagem e o Espaço podem ser trabalhados no Parque; 3. Fauna e Flora - Trazer a diversidade e a protuberância das espécies vegetais e animais do PAEST; 4. Sociedade e Educação - A forma com que o Parque se relaciona com as escolas do seu entorno e como a riqueza deste propicia e potencializa a experiência em sala de aula; 5. Queimadas - Sobre as frequentes e sempre ameaçadoras queimadas que ocorreram e ocorrem no Parque e como estes incêndios são combatidos e; 6. Coronavírus - Adaptações e mudanças no planejamento e ação da equipe do PAEST, como foi e é a transposição das atividades para os ambientes digitais.

A partir destes temas desenvolvemos o roteiro e convidamos a equipe do PAEST para participar do projeto. A postagem dos episódios se deu através das plataformas de *streaming*, por intermédio do site *Anchor*, onde o *Podcast* pode chegar em diversos aplicativos, tanto pagos quanto gratuitos.

Acerca da experiência dos *Podcasts* em ambiente de educação, Bottentuit Junior e Coutinho (2007), discorrem:

Num mundo globalizado onde temos cada vez menos tempo para aceder à informação e ao conhecimento, o *Podcast* surge como uma alternativa viável, prática, com custos quase nulos e também uma metodologia de ensino/aprendizagem bastante motivadora, que proporciona que o aluno tenha um papel activo na construção do saber, saindo do padrão de mero consumidor para ser também produtor de informação na web. (BOITTENTUIT JUNIOR e COUTINHO, 2007, p. 845).

Desta forma, poderíamos então desenvolver um trabalho que além de angariar informações no leque de postagens vinculadas ao PAEST, germinaria também esta capacidade de gerir e compor uma ferramenta multimídia passível de ser utilizada no exercício da docência. O Estágio III contribuiria para o Parque e para os/as usuários/as e consumidores/as dos conteúdos deste, ao passo que contribuiria para o aperfeiçoamento e crescimento dos estudantes envolvidos.

Portanto, o objetivo principal estava concebido, articular por meio de episódios de *Podcasts* temáticas vividas pelo Parque e que, no consumo destas informações por parte dos/as ouvintes, conhecesse e soubesse mais sobre a maior Unidade de Conservação do estado. Além disto, ser subsídio para a equipe, bem como professores/as da região na utilização deste material para aprofundar as visitas em campo em ambientes alternativos, uma vez que há disponibilidade deste material em meio digital, expandindo assim o ciberespaço do PAEST.

### **O CIBERESPAÇO E A GEOGRAFIA**

O termo ciberespaço causa estranheza e não só, gera até espanto ao tentar ser promovido como tema de debate. Na academia, pouco ou nada se fala sobre, embora seja talvez uma das mais importantes esferas de ação dos setores financeiros, empresariais e inclusive governamentais, promovendo flancos de investimentos milionários. A ausência desta abordagem é importante de ser tanto percebida quanto combatida, se apropriando assim de uma conversa -que não fomos chamados- a qual diz diretamente sobre a sociedade, embora dificilmente preze por algum benefício desta.

Assim, é não só possível como necessário que a Geografia e os/as geógrafos/as estejam imersos na discussão sobre quais formas modificam e mutam a espacialidade “vívida” a partir das relações que se dão em ambiente digital. Esta relação simbiótica já sobrepuja um pensamento frequente sobre o *status* das pessoas sobre o uso das redes, pois estas realidades estão, hoje, sobrepostas. Conforme coloca Graham (2012), sobre o compromisso dos geógrafos perante a compreensão do ciberespaço:

Os geógrafos estão bem posicionados (tanto teórica quanto metodologicamente) para tomar a frente no emprego de formas mais adequadas e apropriadas de falar e materializar a Internet. Mas, com muita frequência, utilizamos preguiçosamente metáforas velhas e cansadas. Imaginando a internet como uma dimensão alternativa distinta, imaterial e etérea, em última análise, torna mais desafiador pensar sobre as formas contingentes e fundamentadas em que consumimos, ordenamos, comunicamos e criamos através da Internet. A internet é caracterizada por espacialidades complexas que são difíceis de entender e estudar, mas isso não nos dá uma desculpa para recorrer a metáforas supérfluas que ignoram que a internet é muito real, muito material e com geografias bem fundamentadas. (GRAHAM, 2012, p. 10, tradução nossa).

Frequentemente, se trata o ambiente virtual como distante da prática e vida do “mundo real”, uma fronteira que já foi derrubada, visto que a opinião pública hoje é muito condicionada por informações e redes formadas através das telecomunicações. O distanciamento de geógrafos dos acontecimentos no ciberespaço pode comprometer também a compreensão do próprio espaço, que hoje vive, se forma e modifica também a partir de engrenagens dos aparelhos móveis e computacionais.

O ciberespaço, conceito que nasceu em 1984 através da obra fictícia “Neuromancer” de William Gibson, foi fomentada como uma ferramenta amplamente democrática, livre de amarras -sejam estas culturais ou políticas- e infinito. Esta narrativa do ciberespaço e da própria *internet* é alimentado por um discurso de austeridade governamental ou política quando, atualmente, temos nos meios de comunicações digitais um dos maiores focos de investimentos das nações imperialistas.

São destinados milhões de dólares por ano para setores de Washington trabalharem na internet, *Fake News* são impulsionadas por um aparato ideológico e econômico gigantesco e tudo isso tem consequências práticas e materiais na vida das pessoas e na própria política internacional.

Outro ponto significativo para melhor entender o ciberespaço e sua influência diz respeito a compreensão da noção de “Aldeia Global”, como se a *internet* fosse livre de hierarquias, restrições Estatais e influência de algoritmos programados, como a utopia de um “Universo Ilimitado”, sem leis, restrições, ética, moralidade e, principalmente, desigualdade.

De acordo com Doreen Massey, acerca de um discurso que se difunde a partir da isenção de hierarquias e forças políticas:

Tal alternativa de imaginar-se a globalização, então, dificilmente aceitaria uma noção de uma mudança massiva e absoluta de um ‘espaço de lugares’ para ‘espaço de fluxos’. Esta grande estória faz suposições incorretas sobre o passado (nunca houve um simples espaço de lugares – no seu extremo de isolamento cultural); falha em reconhecer os ‘lugares’ (os encerramentos, as fortalezas dos poderosos) que continuam a ser construídos no meio da globalização atual; falha em reconhecer que os espaços divididos da modernidade e a globalização como um espaço de liberdade são projetos nos quais discursos específicos sobre a relação entre espaço e sociedade são componentes importantes e eficientes; e conseqüentemente e mais que tudo, omite muito da construção de tempos-espaços através das relações sociais de poder. (MASSEY, 2007, p. 154)

Esta noção de uma globalização que interage de modo padronizado entre pessoas, países e comunidades é bastante deturpado em relação ao real funcionamento da internet e a circulação de conteúdo. Porém, como esta informação muitas vezes está retida dos usuários das plataformas digitais, é fundamental que seja a internet uma pauta de sala de aula, por onde possa contribuir ao uso saudável e crítico deste potente recurso.

Partindo da necessidade de melhor compreender o ciberespaço e analisar este sobre a perspectiva geográfica, é notável que, mesmo durante a pandemia, as atividades do PAEST não deixaram de acontecer. Elas podem -e não teria como ser diferente- ter sido modificadas, remanejadas e replanejadas, mas seguiram em prática, mas neste ciberespaço. Pessoas de outras cidades, estados e mesmo países podem ter conhecido um pouco mais da riqueza desta área pelas ações desenvolvidas em campo virtual. Assim, o Parque pode se tornar uma futura rota de viagem, ou visitantes/as que já estiveram lá podem ter visualizado as publicações e aprendido mais sobre este local já visitado. A disposição dos conteúdos e materiais acerca do Parque nas plataformas digitais faz o próprio PAEST crescer, pois torna deste espaço virtual (o próprio ciberespaço), como espaço de partilha e propagação de conhecimento.

Desta forma, as práticas, atividades e eventos que o Parque venha a ter, não terão um fim nas pessoas presentes fisicamente na execução destas, pois na ação de divulgação para as milhares de pessoas que já acompanham a UC nas redes sociais, faz o momento reverberar e incorporar às atividades do Parque no meio informatizado.

Este exercício de fazer dialogar as ações no próprio PAEST com suas plataformas digitais faz expandir as práticas e não limita nem sequer desvirtua o caráter destas. Logo, o antagonismo criado e alimentado entre “Atividades *online* ou *offline*” já não cabem mais num momento histórico em que as interações pela *internet* influenciam tanto quanto qualquer outra interação no fomento de novas territorialidades, espacialidades, lugares -e a forma de estar- e mesmo a paisagem.

Assim, um leque coeso de informações e publicações acerca do Parque em ambiente digital pode favorecer na própria noção de pertencimento das comunidades do entorno e valorização das atividades realizadas. Esta parceria dual, entre o espaço e o ciberespaço pode gerar um propício afloramento do debate, da inclusão e da própria educação ambiental.

Como geógrafos/as, o aprofundamento do estudo destas interações é um grande desafio para o tempo presente e, ainda, utilizar destas ferramentas para a inserção das camadas populares e da classe trabalhadora neste espaço, seja na *internet* ou não, de debate e conhecimento. Para que o mesmo não seja retido pelas classes mais abastadas e o povo seja mero consumidor disto.

Com o *Podcast* do Tabuleiro, tivemos nossa primeira experiência como produtores deste tipo de conteúdo e a partir desta iniciativa, pode-se tirar importantes aprendizagens para nós -em ocasiões futuras- e também outros/as colegas que se interessem pela prática.

Relativo aos programas (de gravação, edição e divulgação), a disponibilidade destes de forma gratuita e ampla facilitou muito a construção dos episódios e, apesar de ser sempre o momento mais trabalhoso dos episódios como um todo, é muito mais simples do que o processo de edição de vídeos, por exemplo. Apesar disto, a baixa disponibilidade de infraestrutura por vezes tornou este processo mais complicado.

Justamente por passarmos uma situação pandêmica e não conseguirmos utilizar os espaços usualmente disponibilizados pela UDESC para a realização deste trabalho, o uso dos nossos celulares e computadores pessoais limitou a velocidade de edição e a própria qualidade das gravações, uma vez que a universidade dispõe tanto de bons computadores quanto microfones.

Ainda assim, a utilização de ferramentas simples nos aproxima da realidade possivelmente visualizada em sala de aula e, desta forma, demonstra que é possível atingir resultados satisfatórios -quanto a qualidade do *Podcast*- a partir dos materiais disponíveis. A nossa própria (in)experiência com edição, apresentação e demais etapas que compõem os episódios reforçam a ideia de que não é necessário de muito para a prática de construção de um *Podcast*.

Alguns elementos mais trabalhosos foram também contemplados no *Podcast* do Tabuleiro, em especial, a trilha sonora e a introdução. Quanto a trilha sonora, o artista e produtor musical cedeu generosamente a música, feita especialmente para este projeto, assim, dando ainda mais originalidade para o *Podcast*. Porém, a confecção da trilha sonora não é uma obrigatoriedade para a construção de outros projetos como este, uma vez que é amplamente divulgado em sites músicas desenvolvidas também voltadas para *Podcasts* distribuídas gratuitamente e à disposição para uso público.

Quanto à introdução, as vozes das crianças vieram para dar uma feição mais alegre para as próprias temáticas dos episódios, principalmente por boa parte dos/as convidados/as terem passado pela academia, certos termos e temas podem parecer complicados e complexos, as vozes das crianças trazem a leveza que pretende-se ter durante a prática do ensino a partir do *Podcast*. As vozes das crianças vieram através de amigos/as -conectados pelo Twitter-, que incluíram irmãos, irmãs e demais parentes no mosaico que acabou se tornando esta introdução; composta por diferentes timbres de crianças de diferentes idades e regiões. Logo, o *Podcast* do Tabuleiro tem também um caráter muito colaborativo, desde a parceria entre UDESC e IMA, até amigos e amigas que enviaram as vozes que foram a introdução. Bem como na já mencionada trilha sonora e nas participações dos/as entrevistados/as, o *Podcast* é também fruto da coletividade.

E sobre os episódios, cada pessoa entrevistada teve muito significado em estar, o *Podcast* conseguiu entrevistar egressas da própria UDESC, bem como mestre, doutoras e sujeitos diretamente participativos nos trabalhos exercidos diariamente no Parque. Este conhecimento qualificou e abriu caminhos para os conteúdos, assuntos e temas debatidos ao longo destes seis episódios.

A partir desta experiência do *Podcast* do Tabuleiro, temos um bom ponto de partida para que venham mais episódios sobre o Parque Estadual da Serra do Tabuleiro, explorando todo um universo de temáticas não abordadas nestes seis episódios. Portanto, temos no *Podcast* do Tabuleiro desenvolvido até então um excelente ponto de partida, um ótimo registro do Estágio III e um orgulho por parte da dupla que, superando as próprias expectativas, atingiu um belo resultado ao final do semestre.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Por fim, podemos concluir que a experiência do Estágio III não só nos agregou muito trazendo conteúdo e informação em relação ao Parque em si, como também trouxe bastante aprendizado para dentro de nossas vidas. Foi necessário ser resiliente diante de todo o cenário atual, e acreditamos que por usarmos a tecnologia e as redes sociais à nosso favor, isso conseqüentemente ofereceu inúmeros benefícios principalmente de divulgação para todos que acompanham o Parque de alguma forma, e também para aqueles que não

conhecem, mas depois de ouvir os *Podcasts* por exemplo, despertem o interesse por conhecer mais e melhor o PAEST.

A compreensão do ciberespaço como uma área que demanda atenção dos/as geógrafos/as é inerente durante todo o processo de composição não só dos *Podcasts* mas também do artigo presente. A expansão das ações no espaço físico do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro para o ambiente digital é algo essencial para a permanência e a qualidade de vida desta UC.

Além de apresentar o Parque para novos públicos, expande, complementa e alarga as experiências possíveis com o PAEST, avolumando as já notórias potencialidades desta importante Unidade de Conservação. Contribuir de alguma forma para este processo o qual acreditamos ser trabalhoso e complexo mas também duradouro e gratificante nos faz engrandecer a sensação de gratidão perante o Parque Estadual da Serra do Tabuleiro, sua equipe e suas fundamentais ações.

## REFERÊNCIAS

FORTKAMP, Cristiane. PARQUE ESTADUAL DA SERRA DO TABULEIRO (PEST): História e Conflito Sócio-Ambiental (1975-2007). **Dissertação** (Pós-Graduação em História) – Universidade Federal de Santa Catarina. 2008.

CENTRO DE VISITANTES. **Parque do Tabuleiro**. Disponível em: <<https://centrodevisitantes0.wixsite.com/parquetabuleiro/>>. Acesso em: 21 set., 2020.

DEEZER BLOG. **Deezer revela dados e mudança de comportamento de consumo de áudio durante o período de isolamento devido ao coronavírus**. 31 mar. 2020. Disponível em: <https://www.deezer-blog.com/>. Acesso em: 10 set. 2020.

Bottentuit J. J. B., & Coutinho, C. P. (2011). **Podcast em Educação: um contributo para o estado da arte**. In A. B. Lozano, M. P. Uzquiano, A. M. P. Rioboo, B. D. da Silva, L. Almeida (eds), IX Congresso Internacional de Psicopedagogia, (pp. 873-846). Coruña.

GRAHAM, Mark. **Geography/internet: ethereal alternate dimensions of cyberspace or grounded augmented realities?**. The Geographical Journal, Vol. 179 (2) 177-182, No. 2. Oxford: Universidade de Oxford - Instituto de Internet de Oxford, 2013.

MASSEY, Doreen. IMAGINANDO A GLOBALIZAÇÃO: GEOMETRIAS DE PODER DE TEMPO- ESPAÇO. **Revista Discente Expedições Geográficas**, Florianópolis-SC, v. 03, p. 142-155, maio 2007.